



Introdução

O título deste artigo pode trazer muitas interrogações sobretudo quando se fala da Conferência de Berlim. Na verdade, Berlim já acolheu muitas conferências ao longo da história para debater assuntos importantes de interesse de toda a humanidade ou de interesses bem particulares. Exemplos de algumas conferências:² A 1ª Conferência Internacional sobre Leprosia de 1897; a Conferência de Berlim sobre Cidades Sustentáveis, organizada pela OECD e pelo governo alemão no período de 19 a 21 de março de 1996, onde foi adotada uma declaração por aclamação; Berlim preparou a Conferência Internacional sobre Clonagem Humana em 10/01/2003; a Conferência Islâmica em Berlim, em setembro de 2004. E o site www.tamandare.g12.br/Aulafrica/afric_a_antes_da_conferencia_de_b.htm, acessado no dia 26 de janeiro de 2005,

apresentou a existência de cerca de 22.800 itens sobre “Conferência de Berlim”. Mas esse pequeno artigo quer refletir sobre a Conferência de 1884-1885, que culminou com a partilha da África por potências colonizadoras, para evitar conflitos entre elas.

Ora, mais do que falar sobre a conferência como tal, quero apenas apontar algumas situações que a África vive hoje como fruto amargo dessa conferência, ou seja, algumas conseqüências dessa conferência. Uma reflexão neste sentido pode ser uma contribuição para uma tomada de consciência da origem de muitos dos problemas vividos hoje na África. Fazendo isso, dá-se um passo em frente: passa-se da simples constatação das conseqüências para as causas das mesmas. Encontrar a raiz do(s) problema(s) dá segurança, é a condição *sine qua non* para o início de uma tentativa de possibilidade de dar o primeiro de muitos passos em direção à solução do problema. É como se diz: “sana-se o mal pela raiz”.

Finalmente, apresentaria minha opinião sobre um dos caminhos que poderiam ser seguidos para tentar estancar a multiplicação deste mal-estar que destrói os africanos. Quero deixar bem claro que estou a fazer esta

leitura a partir de minha ótica de negro africano.

1. A África antes da colonização

Por muito tempo não se conheceu o Continente Africano, apenas um e outro lugar, na parte setentrional (Egito, Alexandria, Tagaste e a Etiópia), por causa de suas influências no mundo ocidental. Nos tempos atuais, os historiadores sabem que, além desses lugares acima citados e dos seus habitantes, houve outros lugares com povos, civilização, cultura e língua.

A África sempre foi vista com um “continente misterioso”. Não sei ao certo o que essa classificação queria dizer. *A priori*, nota-se que não se trata de um louvor, de uma admiração por uma realidade toda especial. Tudo leva a crer que se trata, por um lado, de desprezo; por outro, de medo pelo desconhecido que pode surpreender a mentalidade ocidental em muitos aspectos que não interessa apontar agora. A classificação “África, continente de mistérios” continua ainda hoje, infelizmente. Por exemplo, depois que algumas pessoas souberam que eu vinha de Moçambique,³ me pediam principalmente o seguinte: “Fala-nos deste 'continente misterioso'. Lá tem muito bicho do mato, muita miséria, doença, fome, guerra, não é verdade?” A pergunta é tendenciosa e mostra claramente o que algumas pessoas pensam sobre a África. E por detrás desta mesma pergunta se esconde uma outra pergunta. Acho ser esta: “Como é: você vive no meio desses bichos e como é que sobrevive à miséria, à fome...?” Será apenas curiosidade, ou seja, uma sede de aprofundar o conhecimento sobre a

África? Se assim fosse, acho que a pergunta deveria ser formulada mais ou menos deste modo: “Como é o povo africano, sua cultura, seu saber, sua civilização, seus usos e costumes...?” A minha resposta tem sido esta: “Por que chamais de misteriosa a minha Mãe África? Vós quereis saber como é que nós os africanos vivemos (nossa cultura, costumes, nossa visão do mundo e da realidade)?” E sem esperar pela resposta, começo a lhes falar da minha cultura, do meu povo, de nossas lutas, de nossas esperanças e das nossas relações (com Deus, com o outro, com o cosmos e com o eu). Depois de um longo ou breve depoimento, alguns acabam se desculpando pela maneira como formularam a pergunta. Outros ditam as culpas para a mídia: “É o que a mídia nos passa”. Tudo isso revela e denuncia a idéia distorcida que se tem de África e do seu povo.

Este continente “misterioso”, apesar de tudo quanto passou e ainda passa hoje nas mãos de novos colonizadores, segue sendo misterioso. Seguindo uma lógica diferente, que pode ser chamada de “intuitiva”, organizou-se de forma *sui generis*. Aliás, os povos africanos já estavam organizados antes da colonização: havia reinos e impérios. E, como em qualquer outra parte do mundo, esses impérios e reinos conheceram momentos florescentes, de auge, como também os de queda. Tiveram suas conquistas e fracassos; desenvolveram sua política econômica e social; possuíam sua filosofia de vida. Relacionavam-se com outros impérios e/ou reinos. Destas relações houve um enriquecimento mútuo, como troca de tecnologia, de saberes, trazendo

desenvolvimento. Não há dúvidas que tudo isso trouxe qualidade de vida para os povos africanos.

Todavia, as relações com outros impérios ou povos nem sempre foram de paz. Houve guerras entre impérios e reinos. Também houve lutas internas motivadas por vários fatores (sede de poder, desentendimento, invejas, ciúmes, sucessão no trono). Que impérios podem ser mencionados antes da colonização ocidental? São muitos. A título de exemplo, temos os seguintes:⁴ Monomotapa, Lubas e Lundas, Congo, Ghana, Mali, Songhai, Haussas, Kamem-Barnu, Tekrur, Mossis, Youruba, Benin, Ashatni, Peules, Abomei (Dahomé), Ndongo, Oio e muitos outros, sendo os mais conhecidos Egito, Etiópia, Kush e Berbere.

2. A África colonizada e a conferência de Berlim

A partir do século XV começa uma reviravolta na Europa. O desejo de abrir os horizontes comerciais levou muitos povos desse continente a sair em conquista de novas terras para fazer comércio e acumular riqueza. Iniciam as expedições marítimas, como aquela portuguesa para a Índia, passando por vários pontos do litoral africano. Na verdade, “a Europa estava a braços com uma grande fome de ouro para satisfazer as suas compras de especiarias à Ásia”.⁵ Portanto, se as especiarias vinham da Ásia, o ouro provinha da África. Inicia, deste modo, todo o processo de exploração e de colonização dos povos africanos. Não houve diálogo intercultural e inter-religioso, ou encontro de culturas, como alguns gostam de justificar, justificativa essa

que os torna injustos com a história. Esse encontro forçado e interesseiro não foi benéfico nem salutar, mas foi de morte: povos vindos de outros lugares (Ocidente) chegam proclamando, disfarçadamente, paz e boa relação. Tudo não passou de estratégia para anestesiar as consciências dos africanos. Não tardou para que a situação se invertesse surpreendentemente: os estrangeiros tornaram-se senhores, donos das riquezas em terras estrangeiras, e donos da terra “estrangeiros”, servos, escravos! Houve resistência, mas a tecnologia bélica dos invasores não permitiu, pois os exploradores tinham armas de fogo e os explorados não.

Portanto, este “continente misterioso”, como alguns querem chamá-lo, foi desrespeitado, profanado, espoliado, pilhado, esquarterado. Não meteu medo aos gananciosos, nem àqueles que se consideravam superiores a todo o gênero humano. Os invasores acreditavam ter o mandato divino de, pelo menos, civilizar e batizar esses gentios sem alma e de pele preta. Mas sabe-se hoje que o motivo primário era o econômico, ou seja, a busca desenfreada do capital, pois tinha começado, em vários pontos da Europa, uma explosão de produção industrial. A busca de matéria-prima e de mão-de-obra barata eram urgentes, aliás, os sistemas político e econômico tradicionais dão lugar a uma nova forma econômica: a capitalista. Surge assim o liberalismo. Portanto, “la empresa de llevar el cristianismo a los pueblos de Africa y Asia justificó demasiadas veces la ocupación imperialista de territorios ultramarinos. Lo mismo cabría decidir de la lucha contra el comercio de esclavos en los

territórios de África interior”.⁶

Não tardou para que houvesse disputas entre os estrangeiros por ricas terras que não lhes pertenciam. Na verdade, o ouro nessas terras era abundante. As lutas tornaram-se cada dia mais fortes, violentas e sangrentas, pois um queria mais este e aquele outro pedaço de terra, mas o outro não concordava. Infelizmente, os africanos foram obrigados a entrar na linha de fogo por esses estrangeiros que só queriam ser donos de terras alheias para melhor pilhar o ouro, o marfim e outras riquezas abundantes. Não tardou para que o liberalismo visse no negro africano objeto de comércio para o enriquecimento e ser assim uma potência.

A região que provocou o conflito das potências, sobretudo França e Bélgica, foi a do Congo. Razão da disputa: controle sobre o Congo, na África Central. Na altura, a Bélgica era liderada por Leopoldo II, que tinha enviado Stanley para explorar a situação do Congo. Paralelamente desenvolvia-se na França o projeto de Brazza, representante e diplomata francês que com muita habilidade, conseguiu fazer um tratado com o chefe representante da região (1875-1878). O objetivo do tratado era garantir à França o controle de uma parte do Congo. Porque os belgas não concordaram com a artimanha francesa, surgiu um conflito de interesses entre esses dois países. Foi o início do fim daquela vida harmoniosa do africano onde a sintonia com a natureza era prioritária e o respeito pela vida e pelo semelhante estava acima de tudo.

Sua riqueza era comentada por muitos comerciantes e missionários

cristãos vindos à África a partir de 1860 para explorar, civilizar os bárbaros ignorantes sem história e cristianizá-los. Estes comerciantes e missionários tiveram conhecimento de algumas partes da África e dos seus recursos. Portanto, “a certeza da existência de riquezas africanas, fez nascer neste período uma série de associações e sociedades de patrocínio a estas viagens”⁷. A missão e a colonização caminharam de braços dados. Sendo assim, a Igreja que promove a dignidade e a igualdade dos povos nunca se pronunciou contra essa prática. Antes abençoava esse macabro projeto, dando espaço para o capitalismo, o imperialismo e a exploração. Concomitantemente, gerou-se a idéia do racismo: há uma raça superior com o dever e o direito de civilizar a raça inferior porque desprovida de capacidade intelectual. Portanto, só presta para fazer o trabalho forçado a escravidão.

Foram essas disputas de estranhos em terra alheia que condicionaram a realização da Conferência de Berlim, capital da Alemanha, nos finais do século XIX, ou seja, de novembro de 1884 até fevereiro de 1885. A Alemanha, potência colonial, industrial e econômica, acolheu a conferência convocada por Kaiser Wilhelm I.⁸ Berlim não se encontra na África, mas na Europa. Ora, se esta conferência teve lugar fora do lugar do conflito, conclui-se logicamente que nenhum representante africano esteve presente nessa Conferência que trouxe conseqüências nefastas para a África, como se verá mais adiante.

Participaram na conferência 15 países, a saber, “Alemanha, Áustria-Hungria, Bélgica, Dinamarca, Espanha,

Estados Unidos, França, Holanda, Inglaterra, Itália, Noruega, Portugal, Rússia, Suécia e Turquia”.⁹ Países como Marrocos, Etiópia, Libéria e outros, então independentes, com autonomia própria e reconhecida pelo Ocidente, não foram convidados. Os africanos ausentes e ignorados se assustaram quando notaram novos marcos que dividiam suas terras e regiões, que dividiam seus reinos e famílias, seus campos e lugares sagrados.

Foi nos gabinetes da capital alemã, Berlim, onde muitas mãos traçaram as fronteiras dos futuros domínios coloniais depois de muitas vezes baterem sobre a mesa. A África entra no século XX totalmente retalhada, esquartejada pelos imperialistas estrangeiros. A África foi cortada como se corta o bolo para celebrar o fim de conflitos de beligerantes por coisa alheia.

Aqui estão, ao meu ver, dois principais artigos, a saber, artigos 34º e 35º, aceitos e rubricados, no dia 26 de fevereiro de 1885, pelos países participantes da conferência de Berlim, que deixam transparecer claramente o fim do regulamento

Artigo 34º: A potência que no futuro tomar posse de um território nas costas do continente africano situado fora das suas atuais possessões ou que, não exercendo até aí, venha adquiri-la, e igualmente a potência que num desses territórios vier a assumir um protetorado acompanhará o respectivo ato de uma notificação às outras potências signatárias do presente ato a fim de lhe permitir, se for caso disso, as suas reclamações.

Artigo 35º: As potências signatárias

do presente ato reconhecem a obrigação de assegurar nos territórios por elas ocupados nas costas do continente africano a existência de autoridade suficiente para fazer respeitar os direitos adquiridos, e eventualmente a liberdade de comércio e de trânsito nas condições em que for estipulada.¹⁰

Como se pode notar, todas as potências signatárias tinham a liberdade de tomar posse de qualquer parte da África que nunca pertencera a qualquer uma das potências signatárias do regulamento de Berlim. Era direito só das potências convidadas de Berlim. Estavam dadas as normas de ocupação efetiva da África. Além disso, o mesmo abaixo assinado contemplava questões relacionadas com a liberdade de comércio na região do Congo e a navegação nos rios do Congo e do Níger por serem navegáveis e darem acesso ao interior. Por outras palavras, o Congo foi a primeira área conhecida como a de livre comércio (ALCA = Área de Livre Comércio da África)! O que os Estados Unidos querem hoje com o continente americano não é algo original. Já foi feito na África. Com certeza as potências colheram muitos frutos da Área de Livre Comércio da África. Outro ponto que constou no documento final foi a abolição do tráfico de escravos.

Antes de Berlim, houve “a Conferência Internacional de Geografia”,¹¹ em Bruxelas, na Bélgica, em 1876, com a finalidade de estudar o terreno e a possibilidade da Bélgica marcar sua presença na África Equatorial.

3. Conseqüências da conferência de Berlim

No dia 26 de fevereiro de 1886 era aprovado o documento final (normas pós-conferência), que começava com a seguinte frase: “Em nome de Deus todopoderoso...”.¹² Apesar de ter sido em nome de Deus, as conseqüências negativas não se fizeram esperar. Passo brevemente a apresentar algumas dessas conseqüências:

a) O surgimento de um novo conceito, antes no subconsciente das potências agora oficializado e legitimado: a ocupação efetiva da África. Conseqüentemente decretava-se a subordinação total e completa dos povos africanos ao estrangeiro que adquire juridicamente o poder de fazer do indígena o que bem entender. A expressão “institucionalização da colonização” pode exprimir melhor o que aconteceu. Reprimir todos os focos de resistência era dever do colono. Aliás, “no mesmo ano de encerramento da conferência, foram desenvolvidas em Londres as primeiras armas de fogo automáticas. Em pouco tempo, mesmo os poderosos exércitos africanos se tornaram obsoletos”.¹³

b) “Coordenar os interesses e disciplinar as ambições nas novas ocupações”,¹⁴ com exceção da Etiópia, que não foi subjugado com a partilha da África.

c) Os novos limites geográficos dividiram impérios, povos, clãs, tribos e famílias. Estavam feitas as 53 fatias africanas. A estratégia antiga, mas sempre nova, “dividir para reinar”, produziu os frutos desejados.

d) 60% da nova “divisão é constituído de retas ou de arcos de circunferência”.¹⁵

e) Regular o comércio na região franca do Congo e de Nigéria-Benue e internacionalizá-lo.¹⁶ É interessante notar que até hoje o Congo é lugar de muitos conflitos em virtude de sua riqueza: ouro e diamante.

f) Oficialmente foi interdito o tráfico de escravos¹⁷, mas a prática semi-aberta do comércio de escravos (ouro negro), que garantia a continuidade de obras e do povoamento dos territórios americanos recém-tomados ou em processo de ocupação, continuou. Na verdade, “os escravos partiam agora com o nome pudico de emigrados”.¹⁸ Infelizmente, continua ainda nesses tempos modernos sob formas diferentes e com nomes que *a priori* parecem humanitários.

g) A existência de guerras ou conflitos étnicos e tribais entre grupos que nunca se entenderam mesmo antes da colonização. Essas lutas são muitas vezes alimentadas hoje por aqueles que têm interesses econômicos nesses países: colocam à disposição o armamento em troca das riquezas que os grupos beligerantes têm, em nome de ajuda para a paz e democracia. Por exemplo, Angola e Moçambique, países que conheceram momentos dramáticos de uma guerra civil, não fabricam e nunca fabricaram armas como as minas que continuam a fazer muitas vítimas. De onde vieram esses instrumentos de chacina? Vieram do lugar aonde foram o diamante de Angola e o camarão, marfim, ouro de Moçambique.

h) A falta de mesma unidade cultural, lingüística na maioria dos estados africanos. A divisão da África em pequenas fatias não observou os limites geográficos que já existiam. Os novos

limites juntaram povos que não falavam a mesma língua nem tinham a mesma cultura e filosofia, sem um passado comum. Como desejar hoje que esses povos constituam uma unidade nacional, sem guerras nem conflitos? A história nos mostra que isso não funciona. Mas alguém pode querer dar o exemplo do Brasil, mas cuidado! Lembre-se que 98% dos brasileiros são “estrangeiros”! “Em terra estrangeira, o sofrimento une as pessoas” (provérbio barghwe de Moçambique).

i) Esta falta de unidade nacional leva a um desenvolvimento desequilibrado dentro do mesmo país. Quando o presidente é de uma parte ou região do país, canaliza todos os esforços para o desenvolvimento daquela região, esquecendo a outra parte do mesmo país, e a riqueza da parte desfavorecida é direcionada para a região do chefe do estado. É verdadeiramente uma guerra fria que aflora nas campanhas eleitorais presidenciais.

j) Não é menos verdade que “a violência com que se deu a colonização provocou grandes distorções nas estruturas econômicas, sociais e culturais dos territórios dominados. A economia tradicional comunitária ou de subsistência foi totalmente desorganizada pela introdução de cultivos destinados a atender exclusivamente as necessidades das metrópoles”,¹⁹ mesmo se para isso tenha de passar por cima de cadáveres dos semelhantes. As metrópoles são centros políticos e econômicos. É lá onde se decide tudo. O interior depende economicamente das metrópoles, e os países em vias de desenvolvimento dependem de novos colonizadores e

imperialistas, como o FMI (Fundo Monetário Internacional), o BM (Banco Mundial) e outros.

k) A conseqüência anterior nos leva a perceber a existência do subdesenvolvimento porque sua riqueza foi pilhada e ainda continua sendo roubada. A ajuda que o Ocidente faz à África não é um favor, mas deve ser entendida como forma de devolver o que seus ancestrais tiraram. O Ocidente e as Américas não devem se esquecer que sobre o seu solo muitos africanos foram enterrados, brutalmente mortos devido a pesados trabalhos.

l) Nenhuma língua africana é tomada como científica. Deste modo, para fazer passar suas idéias, tem de fazê-lo em uma das línguas ocidentais, como estou a fazer neste preciso momento. Não posso exprimir-me em minha própria língua.

Resumindo: Os frutos imediatos da Conferência de Berlim foram sobretudo três, a saber, a imposição de novas fronteiras para evitar eventuais conflitos entre as potências estrangeiras, a ocupação efetiva da África e a abertura de bacias do Congo e do Níger para o comércio internacional. Mas os frutos se tornaram veneno que continua a matar muito a atual África.

Conclusão

Não encontrei outra forma de concluir esse meu pensamento a não ser citar as palavras de Patrice Lumumba na última carta que teria escrito para a sua esposa, citado por Ki-Zerbo: “A história dirá um dia a sua palavra... A África escreverá a sua própria história”.²⁰ É o que se tem procurado fazer nesses últimos tempos: resgatar a verdadeira história da África, de modo que saia da

sombra onde sempre foi colocada. Aliás, “só é possível conhecer bem um povo, como um indivíduo, se esse conhecimento alcança uma certa dimensão histórica”.²¹ É imprescindível conhecer a curva histórica para perceber a realidade atual da nossa história. Nesta perspectiva, percebo que as guerras e todos os males que afligem hoje a África têm a sua origem naquele passado de que ninguém gosta de falar para não ferir sensibilidades daqueles que ainda exploram a África hoje de forma nova e diferente. É interessante notar que a razão dos conflitos que existiram e ainda existem em certos países é econômica. A situação torna-se grave quando a Igreja continua na omissão, deixando que a morte seja feita em nome de Deus.

A minha proposta para sanar a problemática existente hoje, fruto da Conferência de Berlim (1885-1886), é a seguinte: rever os limites geográficos impostos pelos estrangeiros interessados de modo a respeitar a

cultura, a língua de cada grupo étnico, tribal ou clânico. Deixar que o povo africano se organize ele mesmo sem ingerência de estrangeiros em assuntos internos em nome da democracia. Deixar o poder nas mãos dos dirigentes tradicionais que ainda existem e são conhecidos. Eles juntamente com o seu conselho fazerem as alianças segundo os seus próprios princípios. Para isso, é necessário dar direito ao povo africano de conhecer a sua própria e verdadeira história. Resumindo, deixar que o africano seja ele mesmo e não o que outros querem que ele seja. Por favor!

Estou consciente da dificuldade para a efetivação do que proponho. Os dirigentes e a comunidade internacional nunca aceitarão, pois implica perder o poder. Mas se isso pode trazer paz e bem-estar para os povos, respeito à sua história, seu passado, acho que se pode apostar por esse caminho. Você tem uma proposta diferente? Então, apresente-a. A África conta com você!

Veja os mapas:²²



Mapa 1: Antes da Conferência de Berlim.

Mapa 2: Depois da Conferência de Berlim.

Bibliografia

- BOHANNAN, Paul. *Africa and Africans*. Garden City (NY), The Natural History Press, 1964.
- HOFISSO, Narciso; SITO, Lucas. *História da África: Manual de 7ª classe*. Maputo, Editora Escolar, Vol. I, 1ª ed., 1990.
- KI-ZERBO, Joseph. *História da África Negra*. Mem Martins (Portugal), Publicações Europa-América (Biblioteca Universitária, 14), Vol. I, 3ª ed., 1999.
- MAESTRI, Mário. *História da África Negra Pré-Colonial*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1988
- MOMMSEN, Wolfgang J. *La Época del Imperialismo: Europa 1885-1918*. México, Siglo Veintiuno, Vol. 28, 16ª ed., 1990.
- OLIVER, Roland. *A experiência Africana: da pré-história aos dias atuais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
- RODRIGUES, João Carlos. *Pequena História da África Negra*. São Paulo: Globo: Secretaria da Cultura da Presidência da República: Biblioteca Nacional, 1990.

Notas

- 1 É sacerdote católico de Moçambique, África. Mestrando em Teologia pelo Instituto Ecumênico de Pós-Graduação (IEPG), em São Leopoldo-RS. Integrante do grupo de “Identidade Negra” da Escola Superior de Teologia/IEPG.
- 2 www.tamandare.g12.br/Aulafrica/africa_antes_da_conferencia_de_b.htm acessado no dia 26 de janeiro de 2005.
- 3 Moçambique situa-se na costa oriental da África. Tem 799.390 km² e é banhado pelo Oceano Índico.
- 4 MAESTRI, Mário. *História da África Negra Pré-Colonial*, p. 15-104. E de referir que existe entre os autores uma classificação diferente. Alguns chamam de “Império” aquilo que os outros denominam de “Reino”. Seja como for, tudo isso quer confirmar a abundância de vários grupos e povos com organização diferenciada. Também cf.: KI-ZERBO, Joseph. *História da África Negra*.
- 5 KI-ZERBO, Joseph. *História da África Negra*, p. 263.
- 6 MOMMSEN, Wolfgang J. *La Época del Imperialismo: Europa 1885-1918*, p. 11. Traduzindo seria: “O empreendimento de levar o cristianismo aos povos de África e Ásia justificou muitas vezes a ocupação imperialista de territórios ultramarinos. O mesmo se poderia dizer da luta contra o comércio de escravos nos territórios no interior da África”.

- 7 HOFISSO, Narciso; SITO, Lucas. *História da África: Manual de 7ª classe*, p. 25.
- 8 BOHANNAN, Paul. *Africa and Africans*, p. 120.
- 9 RODRIGUES, João Carlos. *Pequena História da África Negra*, p. 135. Nem todos os países que estiveram na Conferência tinham por que disputar na Mãe África. Estiveram presentes por se tratarem de potências. Todavia, mais tarde, a Alemanha e a Itália se organizaram e trataram de ter também áreas sob seu controle, embora em 1884, a Alemanha tivesse se estabelecido no atual Togo, região estreita, entre os ashanti e os Daomé. Também tiveram poder sobre Yaundé, fundado pelo alemão Tappenberck com a finalidade de fazer plantações de cacau nos Camarões. Não se pode esquecer a influência que teve na parte oriental, concretamente no litoral de Zanzibar e seu interior e a Namíbia (cf. *ibid*, p.160; p. 135). Para o efeito, comprou uma briga com os ingleses. Essas áreas foram perdida na primeira e na segunda guerras mundiais respectivamente por Alemanha e Itália.
- 10 HOFISSO, Narciso; SITO, Lucas. *Op. Cit.*, p. 26.
- 11 *Ibid.*, p. 134. Nessa Conferência notou-se a ausência de Portugal e Espanha. Entretanto, a presença de Alemanha, Áustria-Hungria, Inglaterra, França, Itália, Rússia e do país anfitrião era imprescindível, culminando com a fundação da Associação Internacional para a Exploração e Civilização da África Central. Não tardou que fosse denominada por “Associação Internacional do Congo” (AIC).
- 12 RODRIGUES, João Carlos. *Op. Cit.*, p. 135.
- 13 *Ibid.*, p. 136.
- 14 HOFISSO, Narciso; SITO, Lucas. *Op. Cit.*, p. 27.
- 15 www.tamandare.g12.br/Aulafrica/africa_antes_da_conferencia_de_b.htm acessado no dia 26 de janeiro de 2005.
- 16 BOHANNAN, Paul, *Op. cit.*, p. 120.
- 17 O documento não reitera a abolição da escravatura de 1836. Fala apenas de tráfico negreiro que é efeito daquela.
- 18 KI-ZERBO, Joseph. *Op. cit.*, p. 393.
- 19 www.tamandare.g12.br/Aulafrica/africa_antes_da_conferencia_de_b.htm acessado no dia 26 de janeiro de 2005.
- 20 KI-ZERBO, Joseph. *Op. cit.*, p. 9.
- 21 *Ibid.* p. 9.
- 22 www.tamandare.g12.br/Aulafrica/africa_antes_da_conferencia_de_b.htm acessado no dia 26 de janeiro de 2005.